

A afasia de Joaquinzinho no sistema do duplo em *Budapeste*

Micheline Mattedi Tomazi

Professora Doutora em Linguística do Departamento de
Línguas e Letras da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

mitardin@terra.com.br

Luis Eustáquio Soares

Professor Doutor em Teoria Literária do Departamento de
Línguas e Letras da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

artevicio@hotmail.com

Resumo

Este artigo propõe que afasia constitui uma espécie de linha de fuga de *Budapeste*, romance de Chico Buarque. Tendo como referência teórica Deleuze e Guattari (1977), Guattari (1988) e Bakhtin (1999, 2003), a ideia é mostrar que o tema do autor famoso e do anônimo no romance em questão constitui o lado de um sistema de aparência autoritário. Nesse sentido, como metáfora da literatura, a afasia deixa de significar uma falta ou defeito de fala, pois adquirir um sentido positivo, invertendo, assim, o jogo, porque é o poder, qualquer poder, que se torna sujeito de falta.

Palavras-chave: Duplo; discurso literário; afasia; sujeito; ideologia.

Para introduzir: reflexões sobre a afasia

A afasia se constitui como um distúrbio específico no desenvolvimento da linguagem. Sendo, pois, conhecida como “retardo de aquisição de linguagem”, a afasia está diretamente relacionada ao fator tempo, ou seja, crianças que chegam à faixa etária de dois anos sem terem adquirido a linguagem podem revelar um quadro preocupante em relação ao desenvolvimento linguístico e necessitarem de uma atenção especial.

De acordo com Scheur, Befi-Lopes e Wetzner, o período entre dezoito e vinte e quatro meses é importante, porque traz mudanças nas habilidades conversacionais das crianças, já que elas começam a compreender “a necessidade de responder com fala a fala do outro” (SCHEUR, BEFI-LOPES, WETZNER, 2003, p. 5). Sendo, pois, o desenvolvimento da linguagem um processo organizado e previsível, uma possível demora na aquisição da linguagem só será considerada preocupante quando ultrapassar o período em que as crianças comumente adquirem a linguagem.

Se a grande maioria das crianças aprende a falar de maneira fácil e rápida, uma parte delas vai apresentar aquilo que comumente chamamos de distúrbios de desenvolvimento da linguagem. Préneron nos explica que esses distúrbios são variados, múltiplos, “tanto em suas manifestações quanto em sua etiologia” (PRÉNERON, 2006, p. 63) e afetam, sobremaneira, a capacidade de interação entre a criança e o outro. Por isso, logo surge a preocupação diante de uma criança que “fala mal” ou “ainda não fala”, já que a oposição corresponde à diferença entre o “normal” e o “patológico”, entre saber se o desenvolvimento linguístico da criança está atrasado ou se apresenta, de fato, um problema.

O afásico e a “vertente de desterritorialização” na modernidade capitalista

Sem pretender entrar na discussão relacionada ao fator idade/tempo para a questão da aquisição da linguagem, pretendemos direcionar nossa leitura para a dualidade que se

impõe diante do fato de uma criança chegar aos cinco anos sem ter ainda adquirido a linguagem e implica numa relação ideológica sendo, portanto, também uma relação social, institucional, entre “fora do tempo” *versus* “fora da norma”.

Se a palavra “retardo” está, segundo o estudo desenvolvido por Rocha (2007), estritamente associada à ideia de desenvolvimento e “designa o estado das pessoas que demoram a adquirir determinado comportamento ou têm uma performance inferior ao normal para sua idade” (ROCHA, 2007, p. 13), a própria palavra, sua acepção, é problemática, porque já está imbuída de um significado inferior. Explicamos: se, de fato, o sentido da palavra, mesmo no dicionário, leva à noção de atraso, de lentidão, de inferioridade, no caso da aquisição da linguagem, a ideia de retardo de fala pode ser confundida com retardo mental.

Tal fato implica uma relação direta da criança com o mundo, com aquilo que é institucionalizado, ideologicamente marcado e socialmente esperado dela. Sendo assim, a aquisição da linguagem é um lugar que a institui como sujeito na sociedade, já que para se constituir como sujeito é preciso que haja a interação com o outro. Daí pensar nessa noção de “retardo”, sendo ele “de fala” ou “mental”, como um lugar de segregação.

Nessa designação segregacionista da afasia, é curiosa a emergência de dois aspectos que se relacionam, a saber: um primeiro que individualiza o caso, designando como afásico essa ou aquela criança considerada individualmente em oposição às outras que falam com fluência; e um segundo, que é complementar ao primeiro, à individuação do caso, e que o designa como negativo, um defeito, um erro, na suposição de que a fala humana, enquanto tal, seja o lugar transcendental a que um humano saudável deve ancorar como que próximo de Deus.

É assim que, na antinomia de um fala/não-fala, é possível chegar nesta outra: na de um falo/não-falo, a respeito da qual Félix Guattari diz:

Na sua vertente de desterritorialização, os poderes

capitalistas põem avante uma função fálica, sujeitando o conjunto dos afetos e dos conteúdos do corpo sexuado a um sistema de operador a-significante fundado na divisão dos sexos – falo/não-falo – enquanto que, na sua vertente de territorialização, apresentam constelações de traços de aparência que personificam, humanizam esta operação redutora, restituindo ao desejo minúsculas territorialidades, sejam refúgios derrisórios de um sorriso, o abaixar de uma pálpebra, sejam microbastiões de poder, numa careta repressiva, a do pai, da professora da escola ou aquela, interiorizada, do superego (GUATTARI, 1998, p. 76).

Em consonância com o fragmento acima, chamaremos de “vertente de desterritorialização” à dimensão da modernidade capitalista que submete ao campo da falta, da castração, da exclusão, da negatividade, enfim, a tudo que não se adapta ao seu sistema de aparência baseado na dicotomia falo/não-falo.

Tal sistema pode assim ser descrito graficamente:

QUADRO I

Sistema de aparência com base na dicotomia falo/não-falo

Falo	Não-falo
Deus/transcendência	Vida/imanência
Homem heterossexual	Outros gêneros sexuais
Saber	Ignorância
Adulto	Infância
Saudável	Patológico
Valor	Não-valor
Linguagem humana	Linguagem animal
Pleno/completo/incluído	Falta/castração/exclusão

Desse modo, vemos que a modernidade capitalista possui um sistema de aparência através do qual tudo que não se inscreve na dimensão fálica é desterritorializado da proximidade de Deus. Por isso, o afásico é lançado para o campo semântico da imanência animal, da ignorância, do vazio, do não homem heterossexual, do não-valor, sendo, pois, aquele a quem falta - a linguagem - e por consequência aquele excluído da fálica comunidade dos falantes, o castrado e excluído.

Existe, nesse sentido, aquilo que podemos chamar de comunidade edípica, como se fora de uma santíssima família ampliada: a comunidade fálica. Nela, não há espaço para alteridades, a não ser como objeto de saber, na suposição de que não pode constituir o seu próprio saber, porque é ignorante, como se ocupasse eternamente o lugar da infância, que não por acaso etimologicamente significa “sem fala”.

A afasia do personagem Joaquinzinho em *Budapeste*: o sistema do duplo

É a partir dessas reflexões que chegamos ao personagem central do romance *Budapeste*. Em linhas gerais, já pressupondo um conhecimento da obra pelo público, apresentamos uma paráfrase do romance de Chico Buarque, *Budapeste*, publicado em 2003 e que chegou à sua segunda edição em pouco menos de um ano. O romance é narrado em primeira pessoa por um personagem chamado José Costa, que conta sua vida, narra suas aventuras e expõe as suas angústias entre dois espaços geográficos, o Rio de Janeiro e a capital da Hungria, Budapeste.

José Costa é casado com Vanda, uma jornalista, com quem tem um filho, Joaquinzinho, que sofre de afasia. O personagem é sócio de Álvaro em uma agência cultural, onde trabalha como escritor anônimo, um *ghost writer*, que produz desde cartas de amor a trabalhos escolares, discurso políticos, com absoluto sigilo e confidencialidade. Em uma de suas viagens à Europa, por conta de um pouso forçado, José Costa é obrigado a ficar em Budapeste, na Hungria, onde tem seu primeiro contato com o idioma húngaro, que o deixa ensimesmado. Decidido a aprender a língua magiar, ele volta a Budapeste, conhece a professora Kriska, que tem um filho chamado Pisti, e tem com ela um romance conturbado.

Interessa-nos, neste ensaio, a relação do pai, José Costa, com o seu filho, o menino gordo e afásico, Joaquinzinho. O pai, diante de sua dificuldade em conversar com o filho,

elege, então, uma patologia, a afasia, como justificativa para a ausência de fala. O “falar quase nada” do menino é tomado como uma patologia, um sintoma fonoaudiológico que representa um descompasso entre o processo de aquisição da linguagem e a idade cronológica do menino. Retomemos a narrativa:

Fala, meu filho, eu quase implorava segurando seus pulsos, mas nesse ponto ele desatava a chorar, chamava a mamãe, chamava a babá. E ao menos a babá partilhava as minhas aflições pela afasia do menino. Disse ela que quando era nova no emprego, já advertia Dona Vanda: bebê que se vê refletido no espelho fica com a fala empatada (BUARQUE, 2003, p. 32).

Obrigar-nos a falar é também impor-nos o sentido ou os sentidos territorializados de Deus, do homem adulto, do valor, do saber, do saudável, do incluído e assim por diante. Isso nos remete de imediato a Deleuze e Guattari (1977) e, antes de tudo, à questão da literatura menor ou ao seu problema político, que é o das alteridades humanas e não humanas, essas que o sistema de aparência da modernidade capitalista inscreve como pertencentes ao campo semântico do não-falo. Logo, como não portadoras de valor, como pobres miseráveis, uma vez que a criação do valor, nesse sentido do lucro, da mais-valia, constitui um autocentrado poder fálico, não adstrito à multidão imanente de minorias que:

[...] vivem uma língua que não é a delas? Ou então nem mesmo conhecem mais a delas, ou ainda não a conhecem, e conhecem mal a língua maior da qual são obrigadas a se servir. Problema das minorias. Problemas de uma literatura menor, mas também para todos nós: como arrancar de sua própria língua uma literatura menor, capaz de escavar a linguagem e de fazê-la seguir por uma linha revolucionária sóbria? Como tornar-se o nômade e o imigrado e o cigano de sua própria língua? Kafka diz: roubar a criança no berço, dançar na corda bamba (DELEUZE; GUATTARI, 1977, p. 30).

Ora, não nos parece à toa que a credence popular tão presente no imaginário coletivo tenha sido retomada no enredo a partir da entrada de uma voz, a da babá, que representaria a voz popular e que interpreta a ausência de fala do menino a um fato posterior: o menino, ainda bebê viu sua

imagem refletida no espelho e ficou com a fala “empata-da”. Há aí, a crença de que a alma da criança, sua voz, ficaria presa na imagem refletida pelo espelho, sendo possível imaginar que há aqui uma entrada para a questão do sujeito, de suas inquietações e angústias, uma vez que se está falando da privação de um direito de fala, o direito à fala. Daí podemos pensar que se a linguagem é um espelho em que nos refletimos e, se é ela que nos referencia no mundo, essa afasia do menino Joaquinzinho é ponta de lança para a reflexão da própria língua, de sua função e de seu lugar, marca da vulnerabilidade das personagens inseridas numa estrutura social também vulnerável que marca as contradições contemporâneas.

É assim que o menino afásico, Joaquinzinho, filho de José Costa e de sua esposa Vanda, entra em cena. Seu mutismo, sua resistência em falar, em aprender a fala da grande língua interinstitucional, da família, da mercadoria, da infância, da grande literatura, sua resistência em entrar no jogo da língua, que nos obriga a falar e é o mesmo que o menino afásico parece resistir a jogar, talvez seja porque ainda não conhece a língua da qual será obrigado a se servir por ser criança. Ou seja, porque é ao mesmo tempo um nômade, um imigrado e o cigano de sua própria língua, porque está desterritorializado do pai, José Costa, que não o assume na língua da paternidade. Ou seja ainda pela incompetência paterna, sendo também um indício de que o triângulo edípico pai, mãe, filho é impotente para a instância de uma paternidade que não seja mais a do sistema de desterritorialização capitalista, o sistema falo/não-falo, que põe o pai como pertencendo à despótica transcendental dimensão adulta, a que está autorizada a indiciar o lugar do ignorante, do animal, do patológico.

De alguma forma, no entanto, José Costa, ele mesmo, é aquele que ocupa o lugar do não-falo, mesmo adulto e recusando a afasia do filho. Talvez porque Narciso acha feio o que não é espelho, razão pela qual, percebendo a afasia de seu filho, ele vai gradativamente assumindo um lugar de

alteridade, que não é mais o pleno lugar de sua língua materna, mas de uma língua estranha, de estranhos.

Citemos o trecho em questão a propósito:

Alguma coisa me atrapalhava, palavras bizarras me vinham à mente, eu esfolava os dedos no teclado e no fim da noite jogava o trabalho fora. Trôpego, chegava em casa e encontrava meu lugar na cama ocupado por uma criança gorda. Com a Vanda, aliás, eu nem abordava mais esse assunto, porque ela sempre tinha uma resposta para tudo. Além de enorme, o menino ia completar cinco anos e não falava nada, falava mamãe, babá, pipi, e a Vanda dizia que Aristóteles era mudo até os oito, não sei de onde ela tirou isso. E pela madrugada ele pegou a mania de balbuciar coisas sem nexos, inventava sons irritantes, uns estalos nos cantos da boca; eu não tinha sossego nem na minha cama, me segurava, me moradia, finalmente estourei: cala a boca, pelo amor de Deus! Calou, e a Vanda saiu em sua defesa: ele está só te imitando. Imitando o quê? Imitando você, que deu para falar dormindo. Eu? Você. Eu? Você. Desde quando? Desde que chegou dessa viagem. Pronto. Descobri naquele instante que em meus sonhos eu falava húngaro (BUARQUE, 2003, p. 30-31).

Lendo o capítulo dois de *Kafka: para uma literatura menor* e relendo o fragmento acima, não dá para parar de pensar, tal como propõe o texto de Deleuze e Guattari (1977), que estamos diante de dois inocentes, o filho e o pai. Eles são *ghost writers* de uma trama edípica cujo mapa aumenta ao absurdo, por ser a enésima parte do “[...] mapa geográfico, histórico e político do mundo” (DELEUZE; GUATTARI, 1977, p. 16). Isso equivale a dizer que o menino gordo e mudo é o que poderíamos chamar de metáfora literal de um Édipo muito gordo, seja porque ser gordo, nesse caso, pode ser interpretado como inscrição carnal de que o pai biológico é apenas a ponta do *iceberg* de uma série ilimitada de outros pais ou de outros autores, já que autoria é uma forma de paternidade; seja porque seu mutismo nos indicia a cogitar que a resistência do menino à fala das línguas ou variações discursivas, na outra ponta, é uma maneira de mostrar que falar e escrever línguas - ou gêneros literários - é aceitar entrar no jogo do que poderíamos chamar de “um duplo muito gordo” ou de um

“*ghost writer* muito gordo”. “Aceitar” significa ser obrigado a entrar no jogo da língua como classificação ilimitada, sendo mesmo parte da classificação, isto é, parte da trama em que o filho é o duplo do pai, que é o duplo do autor, que é o duplo de José Costa, que é duplo de Zsoze Kósta, que é duplo do húngaro, que é duplo do português. E as duas línguas têm como duplos a existência do anônimo e do famoso, formas de duplicar uma sociedade da reificação generalizada ou de uma “reificação muito gorda”.

De qualquer forma, é interessante constatar que, em Budapeste, o afásico fala, mas a língua não fálica, que é esta em que José Costa se torna escritor, a língua húngara. A língua em que ele se torna o pai sem mais ser o pai, fora do triângulo edípico, em que se torna, portanto, um pai não edipianizado. Por essa razão, podemos dizer que *Budapeste* é um romance afásico, por ocupar o pólo do não falo, das alteridades.

Num certo sentido, Joaquinzinho, o menino muito gordo e mudo, é também metáfora literal ou metaliterária do romance *Budapeste*. Ele é o que vem nos dizer - ao não dizer, é claro - que o texto de Buarque é “Édipo muito gordo”, posto que encena ficcionalmente o jogo especular de duplos de duplos no passo de danças de personagens, que são autores, narradores, ficcionais, reais, por serem antes de tudo *ghost writer* de *ghost writer* do circuito ou de um curto-circuito, do mundo produtivo e cultural da produção literária, da publicidade e da comunicação midiática. Eles nada mais são que duplos de um modelo social em que deve existir, para que “funcione”, o anônimo e o famoso, o reificado e o reificante.

Assim, como romance muito gordo, cada ideologema da narrativa, autor, narrador, personagem, *ghost writer*, literatura em língua portuguesa, literatura em húngaro, cultura letrada, cultura midiática, divulgação, circulação e mesmo a própria reificação, como personagem e como um caleidoscópio polifônico de alta-voltagem dialógica, não escapam do destino histórico das línguas numa sociedade

burguesa mundializada, que é o de duplicar sua própria farsa, o seu próprio sistema ideológico, através do aprisionamento do duplo nele mesmo, de pai e filho, Joaquinzinho e José Costa; deste e Vanda, *ghost writer*, autor anônimo e autor público e famoso, pois a modernidade capitalista se constitui tendo em vista um fálico sistema de aparências em que aqueles que ocupam o lugar do não-falo tornam-se o duplo que justifica a dimensão fálica, razão pela qual a alteridade deve se inscrever no lugar da falta e da negatividade, pois é o lugar que projeta, em contraparte, o valor divino-transcendental, dos fálicos sujeitos de fala, que, no romance é o autor famoso, em oposição ao *ghost writer*, que ocupa o pólo do ignorante, do não-valor.

Essa leitura no conduz ao âmbito da própria linguagem, em sua dimensão fálica. Em termos de Bakhtin, ela é a dimensão que produz ideologemas, isto é, clichês personalógicos, pois “a personalidade é, sob o ponto de vista de seu conteúdo subjetivo, o tema da língua: esse tema desenvolve-se e varia no quadro de estruturas lingüísticas mais estáveis” (BAKHTIN, 1999, p. 188). Estáveis porque personaliza duplos e preconceitos. Enfim, personaliza e naturaliza o sistema fálico da modernidade capitalista, se consideramos a linguagem no âmbito de nossa civilização.

Assim, a linguagem como espelho em que nos refletimos - exteriormente e interiormente - é o lugar do jogo ilimitado do duplo, entendido como ideologema personalológico do sistema de aparência da modernidade capitalista. É sempre a linguagem que nos referencia, que referencia os duplos de Budapeste; sendo, pois, através dela que eles se refletem e se revelam, que um se vê no outro, que um - Zsoze Kósta - recusa ser o autor, sendo-o; e outro, José Costa, por sua vez, não o recusa, não sendo.

A presença do pensador russo se deve aqui à necessidade de perfilar a língua como o lugar prismático da personalidade. Se a língua é esse duplo, enunciado-enunciação, a que agitamos - no campo da enunciação - porque somos agitados por ele, é somente no interior desse duplo da língua-

fala, fundado não falo/não-falo, que somos duplos de nós mesmos. Nesse contexto, só é possível falar em enunciado se o pensarmos como o lugar do ideograma. Vale dizer, o lugar da ideologia. Isso é o mesmo que dizer que só é possível falar em enunciado se o pensarmos como o lugar em que nos inscrevemos na língua, isto é, no mundo.

De fato, “as vicissitudes da enunciação e da personalidade do falante na língua refletem as vicissitudes sociais da interação verbal, da comunicação ideológica verbal nas suas tendências principais” (BAKHTIN, 1999, p. 195). Se o destino da língua é o da sociedade que fala, como nos mostra Bakhtin, o discurso literário, antes de ser analisado pelos caminhos psicológicos ou estilísticos, está sendo pensado em termos de subjetivação da língua-enunciação ideológica.

A língua, como fenômeno ideológico por excelência, sempre inacabada, num devir constante e num evento vivo, funcionando em si e para si, cria a sua autossuficiência, cuja manifestação se dá na imaginação linguística. Nela, a literatura encontra o seu lugar privilegiado, uma vez que constitui a forma por excelência desse imaginário. E mesmo contentando-se em brincar com a língua por prazer, não deixa de ser material ideológico, lugar de reflexão da existência na consciência humana por meio da palavra.

Daí pensamos que mais que irritar-se com a afasia do filho, de recusar o filho gordo que produz ruídos idiotas para tentar reproduzir a fala do pai, este último, o personagem José Costa, como *ghost writer* da narrativa - um personagem que ocupa o lado “inferior” do pólo do duplo, desejando ser um autor famoso - tem no filho um verdadeiro ponto de interrogação. Para José Costa, tal como para o filho, a única saída para o seu ressentimento de *ghost writer* não é a de tornar-se autor famoso, mas a de desterritorializar a grande língua literária. Logo, o reificado sistema de legitimação do autor famoso, transformando a escrita deste último em ruídos guturais de um estrangeiro aqui e em qualquer lugar, porque fora do sistema de aparência capitalístico; porque afásico.

A leitura que fazemos de Joaquinzinho, desterrito-

rializando o lugar do pai como figura autoral paterna, é ainda mais marcante ao final da narrativa, no reencontro do pai com o filho. Ele narra:

E dentro da loja de sucos eu fazia a mais extensa das minhas viagens, pois havia anos e anos de distância entre a minha língua como a recordava, e aquela que agora ouvia, entre aflito e embevecido. Assim, sem querer me apoiei no balcão, fui me chegando a dois rapazes mais falantes, já os espiava pelo canto do olho, e com isso os devo ter incomodado, porque de repente ambos se calaram e me afrontaram. Eram jovens musculosos, de cabeças raspadas e abundantes tatuagens, um com répteis que lhe subiam pelos braços, o outro com uma espécie de hieróglifos espalhados pelo peito nu (BUARQUE, 2003, p. 154).

Também nessa passagem, podemos reconhecer o sentido dos hierógrifos como a própria questão da autoria ou de sua reificação.

O narrador, em um momento do enredo, quando não se reconhece de fato o real e o delírio, segue:

Mastigavam sanduíches de boca aberta, me olhavam com desprezo, sabe lá, talvez pensassem que eu fosse veado. Disfarcei, olhei as frutas expostas na loja, saí andando devagar, pressenti uns passos de botas às minhas costas, me apressei. Perto da esquina acreditei que já não fizessem caso de mim, e de fato estavam quietos ao pé de uma moto quando olhei para trás. E foi com certeza esse meu olhar para trás que os reatizou; deviam ser desses skinheads que gostam de encher as bichas de porrada (BUARQUE, 2003, p. 156).

E continua sua narrativa:

Veio andando com o cigarro na boca e me fez um sinal com os dedos, pedindo fogo. Apalpei o bolso onde costumava levar cigarros, estava vazio, mas ele continuava a avançar, praticamente se colou em mim. Era um palmo mais alto que eu, meus olhos batiam no seu peito, e por instantes imaginei que poderia decifrar os hieróglifos ali tatuados. Depois olhei os olhos com que me fitava, e eram olhos femininos, muito negros, eu conhecia aqueles olhos, Joaquinzinho. Sim, era meu filho, e por pouco não pronunciei seu nome, se eu lhe sorrisse e abrisse os braços, se lhe desse um abraço paternal, talvez ele não entendesse. Ou talvez soubesse desde o início que eu era seu pai, e por isso me olhava daquele jeito, por isso me encurralava no muro (BUARQUE,

2003, p. 156-7).

Não seria apenas a figura do pai que estaria encurralada, mas, sobretudo, nessa passagem, há uma entrada metafórica para a questão das adversidades autorais de José Costa, como *ghost writer*, nesse lugar de angústia, de exclusão, porque o par autor famoso/autor anônimo diz respeito a um tipo de modelo social, a que podemos chamar de sociedade do mercado. Nela é necessário existir uma legião de anônimos - e não apenas no contexto autoral da cultura literária - para que o autor famoso venha a ser possível como palavra reificada, no sentido de adoração e mistificação.

Assim, o caso do personagem Joaquinzinho. Sua afasia - essa é a interpretação - constitui uma forma de recusar o sistema de duplo; de entrar na linguagem a partir de um papel pré-fixado como filho, duplo linguístico-social do pai. Isso porque ser filho implica de alguma forma ter ou ter tido um pai, outra variável do sistema do duplo: pai e filho.

É nesse sentido que a afasia do personagem Joaquinzinho, em *Budapeste*, não é exceção, mas a regra. Esse o motivo da profusão de personagens duplicados do romance, aprisionados que estão na dicotomia especular do duplo *ghost writer* versus autor famoso, José Costa versus Zsoze Kósta, Kriska versus Vanda. Isso vale igualmente para todos os outros duplos da narrativa, pois se inscrever na enunciação reificada do duplo é também uma forma de viver uma língua, a língua reificada do duplo. Ela não é a nossa, não é a de cada personagem da narrativa, de cada ideograma, uma vez que, como no caso do mudo e gordo Joaquinzinho, servir-se da língua do duplo é assujeitar-se à reificação generalizada, é apagar-se como alteridade.

O personagem Joaquinzinho, com a sua afasia, constitui, na narrativa, a personificação ou um tornar-se sujeito não assujeitado, por recusar a ocupar um pólo do duplo. Nesse sentido, sua fala gutural, seus ruídos, mais que uma forma de dificuldade de fala, de aprendizagem da língua, pode ser interpretada como uma recusa, inconsciente que seja, de participar do jogo do duplo, de inscrever-se na lin-

guagem através, por exemplo, da referencialidade do nome próprio, a de ser o Joaquinzinho, o filho.

A afasia do personagem Joaquinzinho cumpre a função de desterritorializar o poder do pai, seja em seu lugar de pai-autor, *ghost writer* ressentido, seja do pai como o macho heterossexual da dinâmica do sistema de aparência capitalista. Assim, quando Joaquinzinho caricaturiza a fala do pai, transformando-a em incompreensível ruído, ele a está desterritorializando, tornando-se assim estrangeiro para esse importante traço ideológico do sistema do duplo: o lugar da filiação, sem o qual não existe o sistema do duplo. O que garante o sistema do duplo é a fixação dos dois pontos do pólo, existindo uma filiação entre eles: o filho em relação ao pai, o oprimido - ainda que bastardo - em relação ao opressor e assim por diante.

Joaquinzinho devolve ao pai o espelho estilizado do ruído e da afasia, indicando, assim, que a grande língua paterna carece de legitimidade, sendo tão ridícula e gutural como a fala incompreensível do filho. Com sua afasia, o filho não reifica a grande língua do pai, desterritorializando-a.

Ao desterritorializar a “grande língua” paterna, Joaquinzinho transforma o seu imediato caso político - sua relação com o pai - em agenciamento coletivo de enunciação. E assim procede porque a sua forma de se tornar, através da afasia, estrangeiro ao sistema do duplo constitui-se como uma forma de resistência ao ideológico jogo do duplo. Nesse sentido, na narrativa de Buarque, é o filho afásico que lança para o pai a pergunta esfíngica: “Decifra-me ou devoro-te?”.

Mais que se tornar o outro para si, Zsoze Kósta no lugar de José Costa, escrevendo em húngaro, o ponto de fuga da narrativa não é a troca de identidade entre os personagens. Ela - a troca de posição social, de anônimo para famoso - constitui apenas a afirmação e legitimação da função duplo. O ponto de fuga da narrativa de Buarque está no ruído gutural do filho, que desterritorializa a propriedade autoral paterna, assumindo a alteridade afásica de um não-falo que não se permite mais clivado pela ideia de falta e de castra-

ção, de vez que não admite mais a sua negatividade supostamente inferiorizada; de vez que é produção de menoridade através de menoridade, de alteridades, literatura menor.

Continuando esse raciocínio, detectamos que o pilar da função duplo é a propriedade autoral e, nesse sentido, a sua fissura ou o estremecimento desse pilar está na relação direta com o deslocamento da unidimensional e reificada afirmação autoral, seja da prosa de ficção, seja da poesia. Isso nos remete novamente aos agenciamentos coletivos de enunciação, de Deleuze e Guattari (1977). Segundo eles, uma literatura menor é aquela que desterritorializa a grande literatura a partir mesmo do movimento abrupto do tornar-se estrangeiro, ainda que silenciosamente, através da metáfora literal de um Joaquinzinho muito gordo a dizer em sua fala gutural, incompreensível, que somos ao mesmo tempo autores e *ghost writers* de tudo.

A menoridade gutural de Joaquinzinho, transformando em ruído o lugar reificado do pai, constitui a dica por excelência de *Budapeste*: a de que é preciso desconstruir a grande língua. Para tanto, o caminho não se fará através do desejo de se transformar em grande língua, mas na percepção de que somos todos *ghost writers* de todos; de que ser sujeito, singularizar-se na linguagem, significa fazer-se como Joaquinzinho, esboroando, em forma de ruído, toda figura autoral de adoração para em seguida destacar que somos todos diminutivos. Somos Joaquinzinhos, simples colaboradores em um mundo em que tudo é coletivamente produzido: a arte, a ciência, a vida (BAKHTIN, 2003, p. 33).

Referências

- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- _____. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Tradução de M. Lahud e Y. F. Vieira. 9. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.
- BARTHES, R. *Aula*. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 2001.
- BUARQUE, C. *Budapeste: romance*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Kafka: para uma literatura menor*. Tradução de Julio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Imago, 1977.
- FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*, 20. ed. Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- GUATTARI, F. *O inconsciente maquínico, ensaios de esquizoanálise*. Campinas: Papirus, 1988.
- PRÉNERON, C. Distúrbios da linguagem oral e da comunicação da criança. In: DEL RÉ (Org.). *Aquisição da linguagem: uma abordagem psicolinguística*. São Paulo: Contexto, 2006. p. 63-83.
- ROCHA, A.C. de O. *(Com)passos no silêncio*. 136 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.
- SCHEUER, I. C.; BEFI-LOPES, D. M.; WERTZNER, H. F. Desenvolvimento da linguagem: uma introdução. In: LIMONGI, S. C. (Org.). *Fonoaudiologia: informação para a formação*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003. p. 1-18.

Joaquinzinho's aphasia in the double system of *Budapeste*

Abstract

This article proposes that aphasia is a kind of line of flight in *Budapeste*, a Chico Buarque's novel. Having as theoretical reference Deleuze and Guattari (1977), Guattari (1988) and Bakhtin (1999, 2003), the idea is to show that the theme of the famous and anonymous author from the novel is the side of a system of authoritarian appearance. In this sense, as a metaphor for literature, aphasia is not considered a failure or speaking defect as it has a positive sense, inverting the game, because it is the power, any power, which becomes a subject of failure.

Keywords: Double; literary discourse; aphasia; subject; ideology.

Artigo recebido em: 12/07/10

Aprovado para publicação em: 27/11/10